

## Estruturas Versus Experiência

### Novas Tendências na História do Movimento Operário e das Classes Trabalhadoras na América Latina: o que se perde e o que se ganha \*

Emília Viotti da Costa

A partir de 1980 houve uma grande expansão dos estudos sobre as classes trabalhadoras na América Latina. Entre os livros publicados encontram-se os que foram escritos a partir das teorias de modernização e de um ponto de vista empresarial, como por exemplo o trabalho de Charles H. Savage Jr. e George F. F. Lombard [1986], um cuidadoso estudo etnográfico de três fábricas na Colômbia, e aqueles escritos por militantes de linhas políticas as mais diversas, alguns dos quais continuam a se utilizar de uma perspectiva marxista muito esquemática e tradicional, como por exemplo a coleção de ensaios editados por Pablo Gonzales Casanova [1984]. Dentro desses limites definidos pelos interesses opostos dos que tem como meta a luta de classes e dos que almejam promover sua colaboração, ou seja, do militante de esquerda e do empresário, existe uma enorme variedade de linhas de abordagem que vão desde o empirismo tradicional até o novo marxismo. Há autores que procuram acentuar as semelhanças na história do movimento operário em diferentes países da América Latina, e há os que só vêem as diferenças. Há os que consideram fundamental analisar a experiência operária a partir de uma aborda-

gem de tipo estrutural e há aqueles que só buscam reconstituir a "experiência" operária. Por essa razão, resolvi limitar-me a analisar as tendências mais recentes dessa historiografia e focalizar apenas a literatura publicada nos Estados Unidos e Inglaterra.

Do ponto de vista metodológico, a nova historiografia abandona as abordagens de tipo tradicional. Essa mudança de orientação resulta em parte da reflexão sobre as novas tendências da historiografia da classe operária na Europa e nos Estados Unidos (e do movimento contemporâneo da história do movimento operário nessas regiões), e em parte das mudanças políticas e econômicas que estão ocorrendo hoje na América Latina, mudanças que em alguns países, como Brasil e Argentina, projetaram os trabalhadores no centro da arena política ao mesmo tempo em que puseram em questão as estratégias do movimento operário tradicional. A nova historiografia representa um rompimento com o passado.

Essa mudança de tipo de abordagem é um fenômeno bastante recente. Em 1979, o historiador americano Peter Winn observou em um artigo publicado na *Latin American Research Review* que a histo-

\* Traduzido do texto apresentado na LASA em 1988 e publicado em inglês na *International Labor and Working Class History Review*, fall 1989.

riografia do movimento operário na América Latina estava correndo o risco de se isolar das correntes intelectuais e ideológicas mais fecundas e de se reduzir a cronologias institucionais e controvérsias ideológicas. Nesse mesmo artigo Winn propôs um novo tipo de história que não se limitasse aos parâmetros estruturais e dados estatísticos, às organizações nacionais de trabalhadores (sindicatos) e aos movimentos grevistas mais importantes, mas também focalizasse a experiência quotidiana concreta dos trabalhadores na fábrica e na comunidade, seus níveis e estilos de vida, cultura e consciência, suas divisões internas e relações com outros grupos [Peter Winn (1979) XIV:2] — um programa que ele pôs em prática com grande sucesso em seu livro *Weavers of the Revolution. The Yarur Workers and Chile's Road to Socialism* (1986). No ano seguinte, Eugene Sofer insistiu no mesmo ponto. Numa resenha publicada também na *Latin American Research Review* [1980, XV, 1:167-176], Sofer lamentava que as inovações conceituais e metodológicas que caracterizavam o trabalho dos especialistas da história do trabalho na Europa e nos Estados Unidos que dirigiam sua atenção não apenas para as lideranças, sindicatos e partidos, mas para a grande maioria dos trabalhadores, mesmo aqueles que nunca se filiaram aos sindicatos, continuasse a ser ignorada na América Latina. Sofer argumentava que ao examinar a natureza e as estruturas da vida da classe trabalhadora de maneira a perceber as relações entre atividades do dia a dia e os movimentos políticos, aqueles historiadores tinham ampliado nossa compreensão da classe operária. Nesse mesmo texto ele fazia votos que os historiadores do trabalho na América Latina viessem a seguir esse novo caminho em busca de uma história de baixo para cima, uma história na qual os trabalhadores falassem por si mesmos e fossem vistos como atores conscientes que ajudam a definir a mudança em vez de meramente responderem a ela.

Hoje já se pode dizer que os desejos de Sofer foram satisfeitos. Vários livros publicados e várias teses escritas na década de 80 seguiram esse roteiro. É tempo de avaliar seus resultados. A crítica de Sofer às análises estruturalistas tradicionais, seu apelo a uma história que, em vez de estudar as lideranças, se interesse pelas bases, em vez de estudar os sindicatos e os partidos políticos, se dedique

ao estudo da cultura operária, e em vez de focalizar a mão-de-obra organizada, volte sua atenção para a grande maioria dos trabalhadores que nunca chegaram a fazer parte de um sindicato, encontrou eco. Enquanto no passado os historiadores falavam em estruturas, agora falam de experiência.

Cientistas sociais e historiadores como Erickson, Peppe e Spalding [1974, IX, 2:15-24], que no passado tinham focado a história da classe trabalhadora segundo a perspectiva da teoria da dependência, colocaram-se na defensiva. Em resposta às críticas que lhes foram feitas, argumentaram que esses enfoques não eram incompatíveis ou mutuamente excluídos, sendo, em verdade, necessariamente complementares. Lembraram a seus críticos que os trabalhadores eram os autores da sua própria história, mas não segundo condições de sua própria escolha. Por outro lado, afirmaram não ser possível entender as ações dos trabalhadores sem incorporar às análises os conflitos de elites e o papel do capitalismo internacional que limita o campo de possibilidades abertas aos trabalhadores latino-americanos [Erickson, Peppe e Spalding, 1980, XV, 1:1-17]. Charles Bergquist, outro especialista da história do trabalho na América Latina, insistiu também que estrutura e experiência não eram incompatíveis ou mutuamente excluídos e procurou demonstrá-lo em livro publicado em 1986. A polêmica entre estruturalistas e culturalistas converteu-se num tema central da nova historiografia do trabalho, e entre os livros publicados recentemente encontramos uma grande diversidade de respostas aos problemas epistemológicos levantados por esse debate.

Um grande número de historiadores negou validade às tentativas de identificar padrões comuns à história do trabalho na América Latina. Estão mais interessados nas diferenças do que nas semelhanças e preocupam-se mais com conjunturas do que com mudanças estruturais, com determinações internas do que com determinações externas. Ian Roxborough [1981, 1, 1:01-95], por exemplo, dá ênfase à "complexidade e variedade no tempo e espaço" e critica Spalding não apenas por tentar definir padrões comuns ao movimento operário em vários países da América Latina, mas também por ter veiculado a idéia de que os movimentos operários latino-americanos percorrem as mesmas etapas pelas



mesmas razões — uma tendência que Roxborough atribuiu à teoria da dependência.

Em vez desse tipo de abordagem tradicional, Roxborough propôs uma outra que levasse em consideração muitas variáveis internas: tipos de gestão nos sindicatos, grau de integração do mercado de trabalho, grau de homogeneidade da classe operária, taxas de rotatividade do trabalho, tipos diversos de corporativismo etc. Nesse ensaio Roxborough reconheceu a utilidade do uso de tipologias, mas as considerou prematuras. Estamos longe ainda, disse ele, de podermos descrever adequadamente os movimentos operários da América Latina, e mais longe ainda, de explicá-los. Esta afirmativa traduz um viés empírico comum à nova história, e postula uma separação artificial entre descrição e interpretação, esquecendo aparentemente que não existe descrição sem interpretação. Em ensaios publicados posteriormente [Roxborough 1984, e 1986, XXI, 2:184-188], como veremos, ele reviu suas posições.

Seria errôneo pensar que os debates entre “estruturalistas” e “antiestruturalistas” ou culturalistas refletem conflitos entre marxistas e não-marxistas. Ambas as tendências se encontram dos dois lados. Na realidade, o debate contemporâneo que parece estar dividindo os historiadores procede em grande parte de conflitos dentro das próprias esquerdas. A história do movimento operário tem sido o campo favorito das esquerdas e muitos estudos recentes sobre as classes trabalhadoras latino-americanas inspiram-se em E. P. Thompson e Raymond Williams. Mas alguns dos temas que dividem os historiadores hoje remontam pelo menos às questões levantadas por Sartre em 1960 e aos debates que a partir de então tiveram lugar entre meios de esquerda. Vista dessa maneira, a polarização entre os historiadores que se dedicam a estudar a história do trabalho na América Latina apenas reproduz um fenômeno maior, que pode ser também identificado em outros campos da história, como as recentes controvérsias sobre o abolicionismo inglês e o cartismo sugerem, e as publicações da *History Workshop* documentam amplamente<sup>1</sup> [Anderson, 1980].

Quando situamos o debate historiográfico sobre a história das classes trabalhadoras dentro dessa perspectiva mais ampla, fica evidente que estamos enfrentando uma importante crise epistemológica. Essa crise tem como contexto algumas tendências

contraditórias: de um lado, a emergência na Europa e em outros lugares do mundo da nova esquerda, as questões levantadas pelos grupos comprometidos com o socialismo democrático, sua crítica à União Soviética e aos partidos comunistas e por extensão aos enfoques marxistas-leninistas tradicionais, e, de outro, o êxito eleitoral da direita e dos partidos conservadores na Europa e nos Estados Unidos, assim como o clima gerado pela guerra fria.

Tudo isso tem levado vários historiadores interessados no estudo do trabalho na América Latina a questionar as interpretações tradicionais e a criticar as práticas antidemocráticas das burocracias sindicais e as estratégias políticas dos partidos de esquerda, particularmente dos partidos comunistas. A nova historiografia reavalia as relações entre as lideranças operárias e as bases, privilegiando estas e subestimando aquelas, ao mesmo tempo em que acentua o caráter espontâneo dos movimentos operários. Rejeita também as abordagens que identificam etapas no desenvolvimento econômico e repudia o conceito de falsa consciência. Ao mesmo tempo, valoriza o papel dos anarquistas no movimento operário e acentua a importância das condições subjetivas, da ideologia e da cultura política no movimento operário. Seguindo o caminho traçado por Raymond Williams, a nova geração de historiadores questiona o uso dos conceitos de infra e superestrutura [Williams, 1977], e alguns chegam a descartar outros dois conceitos marxistas básicos: a determinação material das ideologias de classe e a relação entre as forças produtivas e as relações de produção. Em consequência desse revisionismo, aspectos que os historiadores do passado frequentemente consideraram irrelevantes por serem superestruturais adquiriram uma posição central na nova historiografia.

Muitos dos historiadores revisionistas repudiaram também o uso de modelos teóricos *a priori* (principalmente modelos macroeconômicos derivados seja da teoria da modernização ou da teoria de dependência) e voltaram-se para o estudo do que consideram formas concretas de comportamento, empiricamente demonstráveis, as percepções e sentimentos da classe trabalhadora. Ao descartar uma noção “essencialista” e estática de classe social, e ao tentar evitar explicações reducionistas da consciência de classe, alguns dos historiadores novos encaram com suspeita aqueles que insistem em dizer que as condições

“objetivas” definem os parâmetros no interior dos quais a consciência dos trabalhadores se constitui e as ações dos trabalhadores têm lugar. Etapas do desenvolvimento econômico e do processo de acumulação do capital, mudanças no tamanho das fábricas, melhorias tecnológicas, mudanças na composição da força de trabalho, a importância relativa do setor industrial, formas de dependência econômica, a natureza do sistema político, conflitos entre elites, formas de imperialismo, todos aqueles fatores que no passado eram considerados cruciais para o entendimento da consciência dos trabalhadores e seu comportamento político já não são considerados tão significativos. Os historiadores da nova geração tendem a dar mais importância ao político do que ao econômico e privilegiam o ideológico sobre o político. Em vez de examinar a forma através da qual as mudanças das estruturas econômicas, políticas e sociais afetam o movimento operário e investigar a relação entre formas de acumulação do capital e formação da classe operária, ou o papel do Estado no processo de acumulação de capital e sua política em relação aos trabalhadores, a nova geração de historiadores prefere examinar a maneira pela qual a ação dos trabalhadores força a mudança econômica e política. Os temas de interesse da nova historiografia são as impressões subjetivas dos trabalhadores, os vínculos entre práticas políticas e discursos políticos, as experiências dos trabalhadores nos locais de trabalho e nos bairros operários, suas formas de apropriação e reinterpretção da cultura da elite, e a maneira pela qual os trabalhadores interpretam o passado e visualizam o futuro. Típicas dessa nova historiografia são as obras de Daniel James [1988], William Roseberry [1986:149-171], Peter Winn [1986], Jeffrey Gould [1988] e Adriana Raga [1988].

Na nova historiografia, a ideologia aparece às vezes como um *nexo essencial* entre experiência e protesto. A própria noção de ideologia foi reformulada.<sup>2</sup> A ideologia é considerada um processo de “interpelação” [Laclau 1977, James 1988]. E, se bem que alguns historiadores da nova geração continuem utilizando o conceito de classe, eles não mais assumem que existe uma relação necessária entre classe e consciência de classe, nem consideram a formação da consciência de classe um processo linear [Mallon, 1986]. Existem também aqueles que, como Ernesto Laclau, consideram os

indivíduos como “portadores e pontos de interseção de uma acumulação de contradições, muitas das quais não são contradições de classe”. Desta forma, os novos historiadores têm mais consciência do que os que os precederam de que existem várias formas de subjetividade humana, distintas daquela que nasce da situação de classe. Por essa razão esses historiadores estão mais preparados para reconhecer a natureza contraditória da consciência de classe operária. Em suas análises, a posição que tradicionalmente se estabelecia entre cooptação e resistência, e entre luta pela sobrevivência e luta política, tende a desaparecer.

Em seu estudo sobre o peronismo, por exemplo, Daniel James mostra que a lealdade a um movimento cuja ideologia formal prescrevia a virtude da colaboração de classes, a subordinação dos interesses dos trabalhadores aos da nação, a importância de uma obediência disciplinada a um Estado paternalista, não impediu a *resistência da classe operária* nem a emergência de uma cultura de oposição entre os trabalhadores. A mensagem de Perón era ambígua. Sua ênfase na colaboração de classes beneficiava o capitalismo mas, ao garantir os direitos dos trabalhadores na sociedade e nos locais de trabalho, o peronismo estabeleceu limites à exploração dos trabalhadores e criou novos motivos de luta. A resistência dos trabalhadores, no entanto, não se traduziu numa ideologia revolucionária classista sem ambigüidades. A ideologia da classe trabalhadora argentina continha fortes elementos que promoviam integração e cooptação. James não vê os trabalhadores argentinos como vítimas passivas e inexperientes da manipulação de Perón, nem tão pouco como indivíduos pragmáticos seduzidos por benefícios materiais, mas como atores conscientes para quem a mensagem peronista de dignidade pessoal, cidadania e justiça social tinha um grande apelo — principalmente tendo em vista a falta de outras alternativas mais viáveis, fato esse que Daniel James não enfatiza suficientemente. James vê o peronismo não apenas como criação de um líder carismático, mas como obra dos trabalhadores, que continuaram a criar e recriar seu conteúdo até um ponto em que o próprio Perón teve dificuldades em se reconhecer no peronismo que os peronistas tinham criado. Assim, se a classe operária argentina foi redefinida por Perón, suas próprias políticas foram redefinidas



pela classe operária. Jeffrey Gould [1987], estudando o somozismo, e John French [1978], estudando o populismo no Brasil, chegaram a conclusões semelhantes.

Até aqui falei apenas de algumas tendências da nova historiografia do trabalho. O que não quer dizer, evidentemente, que todas essas tendências aparecem na obra de cada um dos historiadores que escreveram sobre o movimento operário na América Latina. Das várias tendências a mais difundida é a preocupação desses historiadores com a "experiência" dos trabalhadores. Esse conceito, no entanto, é difícil de se definir. Quais seriam os componentes relevantes da experiência? O local de trabalho, a região de moradia, o sindicato, as lutas operárias, as relações entre os trabalhadores e outras classes sociais, os partidos políticos, as ideologias, a cultura política, os discursos políticos, o mercado de trabalho, a composição da classe trabalhadora, o tamanho das indústrias, as relações entre o Estado e o trabalho, as formas de acumulação de capital, as crises econômicas locais, a recessão mundial, a presença do capital estrangeiro? Não existirá alguma forma de hierarquia entre essas várias experiências, sendo umas mais determinantes do que outras? Como se articulam? Em outras palavras, como se estrutura (constitui) a própria experiência? Se os trabalhadores têm muitas identidades, religião, etnia, partido político, classe, de que maneira a identidade de classe vem a prevalecer sobre outros tipos de identidade?

Poucos historiadores têm formulado essas questões. Florencia Mallon [1980] foi uma das poucas pessoas a se preocupar com elas. A seu ver, a formação da consciência de classe depende de vários fatores: a forma de investimento do capital, as relações de trabalho e as condições da força de trabalho, a cultura que os trabalhadores trazem consigo e finalmente o curso seguido pelas lutas no local de trabalho. Mallon conclui que, embora de certa forma cada classe trabalhadora construa uma consciência histórica e cultural única, isto não nos impede de fazer generalizações que se aplicam a um grande número de casos. No entanto, quando analisamos o trabalho da maioria dos historiadores revisionistas, descobrimos que de fato cada um escolhe seu próprio conjunto de variáveis, cada um tem uma forma diversa de selecionar o que lhes parece sig-

nificativo para caracterizar a experiência dos trabalhadores.

Apesar da imprecisão metodológica inerente ao conceito de experiência, a nova história dos trabalhadores contribuiu para reformular nossa percepção da história da classe operária na América Latina. A nova historiografia identificou novas fontes e fez amplo uso do testemunho oral. Demonstrou a extraordinária variedade e heterogeneidade da experiência da classe operária, ao mesmo tempo em que contestou as imagens vigentes na historiografia tradicional. Reavaliou, por exemplo, as relações entre população rural e urbana, argumentando que não é válida a caracterização da população rural como massa passiva e que, ao contrário do que se afirmava na historiografia tradicional, as populações rurais que se deslocaram para as cidades não foram meras vítimas da manipulação de líderes populistas carismáticos, mas agentes históricos conscientes e autônomos capazes de decisões racionais. A nova historiografia também apresenta uma nova imagem das relações entre lideranças sindicais e bases, mostrando que estas não são simplesmente massa de manobra. Roxborough [1984], estudando os sindicatos no México, argumenta que quanto mais democrática é sua organização, tanto mais militantes são os operários, enquanto Daniel James [1988], estudando os trabalhadores em Buenos Aires, chegou à conclusão de que foi a passividade dos trabalhadores que num certo momento levou à burocratização dos sindicatos.

A nova historiografia questionou a idéia de que os trabalhadores empregados nas indústrias oligopólicas de capital intensivo e de propriedade estrangeira constituem uma aristocracia do trabalho<sup>3</sup> [Humphrey (1982) e Keck (1986)], e levantou dúvidas sobre a noção de hegemonia, mostrando por exemplo que os operários se apropriam dos símbolos e discursos das classes dominantes conferindo-lhes significados novos [Roseberry (1986) e Gould (1988)]. Ao mesmo tempo, os historiadores revisionistas chamaram a atenção para a importância de conflitos de geração no interior do movimento operário e aprofundaram nossa compreensão dos mecanismos pelos quais os trabalhadores constroem de forma seletiva um passado significativo a partir do presente, inventando uma tradição, para utilizar uma expressão utilizada por Eric Hobsbawm [1983]. [Veja-se Sigaud (1975),

167-177; Roseberry (1986); Jeffrey Gould (1988)].

Na nova *historiografia* os trabalhadores aparecem como sujeitos da história em vez de simples objetos, tão importantes para a compreensão da história quanto as elites, cujos limites eles definem. Esta revisão que amplia de forma significativa o nosso conhecimento é devida em grande parte a historiadores que abandonaram as análises "estruturalistas" tradicionais. Mas os estudos mais bem-sucedidos são exatamente aqueles em que o autor conseguiu estabelecer uma ponte entre esses dois tipos de abordagens que outros consideraram irreconciliáveis. Um bom exemplo é o estudo de Peter Winn. O autor parte do estudo da fábrica, mas não se detém aí; sua análise abarca a história do Chile entre 1930 e 1985, extraíndo dela o que é relevante para entender os trabalhadores e suas lutas. Se tivesse permanecido dentro dos limites da fábrica e dos bairros operários e se limitasse a escrever a história dos oprimidos, se se tivesse preocupado apenas com a *subjetividade* e as *percepções* dos trabalhadores, não teria sido tão bem-sucedido. É porque Peter Winn tem acompanhado os debates sobre as teorias de modernização e da dependência e pós-dependência, porque se manteve a par das discussões sobre a formação do Estado na América Latina e não ignora o debate marxista contemporâneo que pode conferir um significado amplo à história dos trabalhadores da fábrica Yarur. E é por isso que o leitor acaba por descobrir não apenas diferenças, mas semelhanças importantes entre a experiência dos trabalhadores da fábrica Yarur e a dos trabalhadores de outros lugares da América Latina.

Winn mostra como os trabalhadores foram protagonistas centrais no drama histórico que culminou na derrocada de Allende. Descreve como nas lutas em prol dos seus interesses os trabalhadores acabaram por expor os limites da agenda política da Unidade Popular e revelaram tensões entre os trabalhadores e as lideranças políticas, resultantes de diferentes concepções do processo revolucionário. Peter Winn critica a historiografia tradicional por que esta parece acreditar que os atores políticos nacionais foram os protagonistas mais importantes dessa história, ignorando a relativa autonomia da classe trabalhadora. Assim como Daniel James [1988], Peter de Shazo [1983] e outros, Winn afirma que seu propósito é ver a história através dos

olhos dos trabalhadores. Mas o que faz com que seu livro seja um sucesso é que ele tem consciência de que a luta dos operários da fábrica Yarur não se dá num vazio, e que a experiência deles não pode ser entendida simplesmente em termos da sua própria subjetividade e testemunho, não pode ser apreendida de forma isolada da história do capital e das lutas entre capital e trabalho. Os testemunhos dos trabalhadores não teriam significado não fosse Winn capaz de ir além dos muros da fábrica e dos limites dos bairros operários para incorporar em sua análise o processo de industrialização chileno, as organizações operárias nacionais, os partidos políticos, a política nacional, os discursos.

É porque Winn estava a par do debate sobre industrialização na América Latina que pôde fazer perguntas relevantes aos trabalhadores e conseguiu comunicar de forma tão convincente a sua história, acompanhando-os através de etapas de desenvolvimento econômico que vão desde o período de substituição de importações até a era das multinacionais, desde os tipos paternalistas de direção empresarial ao taylorismo. Ele próprio reconhece que sem estes pontos de referência seria impossível entender as lutas dos trabalhadores da fábrica Yarur.

Entre os novos historiadores da classe operária, é comum se exaltar o espontaneísmo dos trabalhadores e a importância das bases operárias e minimizar a importância das lideranças sindicais e dos partidos de esquerda — uma tendência saudável para corrigir o excesso contrário, mas que a longo prazo pode ter conseqüências desastrosas, levando os historiadores (e militantes) a negligenciar fatores importantes na história do movimento operário. Ao descrever a luta dos trabalhadores, Winn demonstra de maneira irrefutável o papel importante das lideranças operárias e até mesmo dos "burocratas" sindicais, de quem os trabalhadores inexperientes receberam não só assistência jurídica como instruções sobre como se organizar e ganhar suas batalhas. Há também no livro de Winn numerosas evidências que documentam o papel importante desempenhado pelos partidos de esquerda que defenderam os interesses dos trabalhadores no Congresso e ajudaram a criar as condições institucionais necessárias à mobilização popular tanto na cidade quanto no campo, sem falar na importância dos setores de esquerda na formação de uma ideologia



que contribuiu para a formação da consciência operária.<sup>4</sup>

De fato, muitos dos operários que se destacaram como líderes sindicais em Yarur revelaram que suas "experiências" tinham sido filtradas através de noções que tinham recebido de socialistas ou comunistas. Os documentos deixam bem claro que as lutas dos trabalhadores dependeram também das alianças estabelecidas pelos partidos políticos de esquerda com outros partidos, e não é por acaso que a maioria das greves importantes que tiveram lugar em Yarur ocorreram quando coalizões de frentes populares, incluindo vários partidos de esquerda, estiveram no poder. Finalmente, para se compreender a ocupação da fábrica pelos trabalhadores, é tão necessário conhecer a política nacional como saber da experiência dos trabalhadores no local de trabalho ou nos bairros operários onde se forjaram laços de solidariedade essenciais para a ação coletiva.

Quando comparamos a experiência dos trabalhadores chilenos descrita por Winn com a dos trabalhadores em outros países da América Latina durante o mesmo período, notamos não somente diferenças como semelhanças surpreendentes. A crise do setor exportador e o impacto da recessão dos anos 30; o importante papel do Estado no processo de industrialização e acumulação de capital através de concessões aos empresários de tarifas preferenciais, isenções tributárias, taxas de câmbio especiais etc.; a dependência dos empresários em relação ao capital e à tecnologia estrangeira, a transição de formas paternalistas de administração para o taylorismo, o impacto negativo do taylorismo sobre a força de trabalho, a intensificação da luta de classes e a tentativa do Estado de institucionalizar o conflito através da implementação de uma legislação trabalhista corporativista, em torno da qual novas formas de luta operária se organizaram; os problemas criados para o desenvolvimento industrial pelos limites estreitos do mercado interno, a constante necessidade das indústrias introduzirem melhoramentos técnicos e recorrerem a empréstimos; o endividamento crescente do país, a inflação e seu impacto negativo sobre os trabalhadores, a formação de conglomerados agrupando um grande número de empresas industriais e financeiras, as políticas anti-sindicais dos empresários e seu acesso fácil à imprensa e ao governo, suas práticas brutais de controlar as lideranças operárias,

suas tentativas de subornar os líderes operários, o renovado sacrifício dos militantes, o conflito de gerações dentro do movimento operário, a dependência dos trabalhadores em relação ao Estado, o papel mediador desempenhado pelos partidos políticos, as ambigüidades e limites das políticas trabalhistas da Frente Popular; a importância da política eleitoral na formação de alianças entre trabalhadores e políticos, o ambíguo papel das classes médias, às vezes aliadas aos trabalhadores, às vezes aos seus opressores; as tentativas frustradas de sucessivos governos na década de 60 de resolver o impasse econômico; a crescente radicalização e mobilização popular e finalmente o golpe militar, a repressão dos trabalhadores, que num curto período de tempo viram seus salários drasticamente reduzidos e perderam muitos dos privilégios e garantias legais conquistadas no passado, tudo isso encontra paralelismos espantosos em outras regiões da América Latina.

Por trás dessas semelhanças é possível reconhecer as mudanças no mundo capitalista e na divisão internacional do trabalho, as formas de desenvolvimento capitalista na América Latina desde os anos 30, o processo de formação de classe, as alianças e os conflitos de classe, o papel do Estado na acumulação capitalista e como mediador entre capital e trabalho. Isto não quer dizer, no entanto, que todos os países seguem o mesmo caminho, ou que o desenvolvimento econômico determina a natureza do Estado, ou que a formação de classe é a mesma em toda parte, ou que a proletarianização e a consciência de classe são processos automáticos. Não há dúvida, no entanto, que a experiência dos trabalhadores é inseparável dos processos descritos anteriormente. A tarefa do historiador é precisamente definir esses processos e suas várias formas de articulação.

Entre os livros publicados recentemente, nenhum foi tão convincente na sua caracterização das semelhanças e diferenças quanto a coleção de ensaios sobre a indústria automobilística na Argentina, Brasil, México e Colômbia editado por Rich Kronish e Kenneth S. Mericle [1984]. Os ensaios iluminam as formas de articulação entre economia nacional e internacional e o papel do Estado no processo de acumulação capitalista e no controle da força de trabalho. O propósito original desses ensaios foi estudar as indústrias automot-



bilísticas como exemplos de industrialização dependente, mas os autores chegaram à conclusão de que as condições internas — as formas através das quais os diferentes governos trataram de controlar o capital estrangeiro e a natureza do movimento operário — foram ainda mais decisivas do que os condicionamentos externos. Os ensaios demonstraram que a mobilização da classe operária impôs limites às negociações entre os países hospedeiros e as multinacionais, chegando mesmo ao ponto de pôr em risco o crescimento industrial como sucedeu na Argentina. Nos países nos quais a força de trabalho não tinha uma tradição de mobilização comparável à da Argentina, e portanto era mais vulnerável a manipulações governamentais, as indústrias tinham mais condições de serem bem-sucedidas. Tal foi o caso do México, por exemplo. Controle de salários, repressão de greves e de militantes, emprego crescente de trabalhadores temporários, mais suscetíveis a pressões etc., tornaram as indústrias mexicanas, pelo menos temporariamente, mais competitivas.

Apesar dessas diferenças, no entanto, notam-se aqui também importantes semelhanças. Por toda parte, depois de ter tentado desenvolver as indústrias nacionais, os governos foram obrigados a recorrer ao capital estrangeiro. Competindo uns com os outros para atrair o capital estrangeiro, cada governo procurou oferecer as melhores condições possíveis exercendo um controle rígido sobre a força de trabalho, tentando incrementar a produtividade da mão-de-obra e diminuir os seus custos. Na tentativa de superar as limitações do mercado interno, os vários governos adotaram políticas que resultaram na concentração de riquezas no setor mais alto. Em pouco tempo as indústrias chegaram de novo a um beco sem saída. As vendas caíram, os lucros diminuíram. Sua contínua dependência em relação à tecnologia internacional e aos empréstimos estrangeiros e sua dificuldade em incrementar a produção fizeram com que os custos unitários fossem mais altos na América Latina do que nos países mais desenvolvidos e contribuíram para agravar o desequilíbrio da balança de pagamentos, acarretando ondas inflacionárias e o crescimento da dívida externa. Estes problemas tornaram-se particularmente sérios com a crescente internacionalização da economia. Nestas circunstâncias, não é de se estranhar que a crescente produtividade das indústrias automobilísticas

não fosse acompanhada por um aumento proporcional de salários.

A leitura desses ensaios publicados por Kronish e Miracle demonstra que, apesar das diferenças significativas entre as indústrias automobilísticas nos vários países, existem padrões comuns importantes. Sem a identificação desses padrões, que evidentemente não são estáticos e estão constantemente em fluxo em função das lutas políticas, é difícil, senão impossível, conferir significado à experiência da classe trabalhadora. Sem essa visão mais ampla a nova história do trabalho, em vez de representar um salto para frente, pode facilmente se transformar numa história da vida quotidiana, um gênero muito em moda na década de 50, com conotações profundamente conservadoras.

Não é minha intenção exumar velhos modelos nem construir novos, mas apenas propor uma síntese entre duas tendências que até aqui se definem como antagônicas. A nova história do trabalho é profundamente revisionista, mas num aspecto muito importante continua bastante tradicional. Considerando seu interesse em recuperar a experiência dos trabalhadores, é surpreendente que a maioria dos acadêmicos que se encontram na vanguarda da nova história do trabalho continue ignorando os problemas étnicos. Isso é particularmente surpreendente quando lembramos que uma boa parte da força de trabalho na América Latina é composta de indígenas, mestiços e negros. Mais espantoso ainda é que a maioria dos autores revisionistas tenha passado ao largo do importante debate sobre a mulher na força de trabalho e o papel da mulher no desenvolvimento capitalista.

Essa tendência talvez se explique em parte pelo fato de que existem presentemente duas correntes historiográficas que parecem correr paralelamente. Uma que aparece sob o rótulo de história do trabalho e/ou história da classe operária, e outra que aparece sob o rótulo mulheres. Ambas parecem se ignorar mutuamente. Curiosamente, enquanto a história do trabalho se afasta de enfoques "estruturalistas" em busca da "experiência" dos trabalhadores, a história das mulheres na força de trabalho corre em direção contrária, oferecendo algumas das mais sofisticadas análises estruturalistas, como por exemplo, nos estudos de Junes Uash e Carmen Diana Deer.



Apesar da sofisticação metodológica de muitos pesquisadores e pesquisadoras e do grande número de ensaios e livros que se publicam e conferências que se promovem todos os anos, a maioria dos historiadores do trabalho industrial na América Latina continua ignorando o importante papel desempenhado pelas mulheres. Os pesquisadores dedicam pouco tempo a entrevistar mulheres trabalhadoras e raras vezes descrevem as percepções que elas têm do processo histórico.<sup>5</sup> O que é mais sério ainda é que os historiadores acima analisados parecem ignorar a especificidade desse tipo de experiência.<sup>6</sup> Quando se referem à mulher na força de trabalho, limitam-se a oferecer breves comentários sobre sua passividade sem procurar sequer explicá-la. Referem-se à maneira pela qual o comportamento da mulher afeta negativamente o sindicato, mas não se perguntam como o comportamento do sindicato afeta as mulheres. Quando muito atribuem a dificuldade de organizar as mulheres a “disposições naturais”, ou ao caráter intermitente da presença, da mulher no mercado de trabalho. Não lhes passa pela cabeça que, ao ignorar os problemas específicos da mulher e ao mantê-la excluída das posições de liderança, sindicatos e partidos políticos, possam ter alienado a mulher e contribuído para a sua tão decantada passividade. Mesmo quando escrevem sobre o peronismo, os novos historiadores do trabalho raramente discutem o que peronismo significou para as mulheres trabalhadoras e contentam-se em frisar a importância de Eva Perón no movimento peronista [Navarro (1982), Fraser e Navarro (1981)]. É

evidente que minhas observações não se aplicam às autoras feministas, mas estas, como já foi observado, têm-se dedicado mais ao estudo das mulheres na força do trabalho, ou seu papel no desenvolvimento econômico, do que ao estudo dos trabalhadores em geral.

Como é possível a esta altura que os historiadores continuem a ignorar o papel da mulher na força de trabalho industrial? Será realmente possível entender a experiência dos trabalhadores sem examinar as relações entre homem e mulher e o papel da mulher na produção e reprodução? Acredito que não. Nenhuma história das classes trabalhadoras digna de respeito pode ser escrita hoje sem incorporar a mulher, não apenas aquelas que trabalham no setor industrial, mas também as esposas e outros membros da família que trabalham em empregos temporários no setor informal. Não se trata simplesmente de agregar informações sobre a mulher às abordagens tradicionais. É preciso encarar a história do trabalho e da classe trabalhadora dentro de uma nova perspectiva. Historiadores interessados na história da Europa e dos Estados Unidos tomaram a dianteira, e os que na América Latina têm estudado o trabalho no campo já o fazem há muito tempo. É preciso agora que os que estudam o trabalho industrial e a história das classes trabalhadoras sigam esses exemplos e reconheçam que a história do trabalho só pode ser adequadamente avaliada quando se introduz em cena os trabalhadores na sua totalidade.

(Recebido para publicação em março de 1989)

#### Notas

1. Sobre o debate em torno do abolicionismo ver *American Historical Review* XCII, 4, 1987. Sobre o cartismo ver Kirk (1987). Ver também a controvérsia levantada por Scott (1987); Thompson (1981); e Wood (1982).
2. Para uma discussão muito importante sobre a questão da ideologia, ver Therborn (1980).
3. Para uma crítica dessa posição, ver Almeida (1975); Almeida (1981); e Sorj e Almeida (1983).
4. Ver também o ensaio de Ian Roxborough e Leslie Bethell que será publicado proximoamente no *Journal of Latin American Studies*, no qual os autores examinam o impacto da guerra fria sobre os trabalhadores latino-americanos. A importância dos comunistas na organização dos trabalhadores tanto no Chile como em outros países é confirmada por Bergquist (1986), Raga (1988), Tamarin (1985) e French (1985) e muitos outros.

5. Ver, por exemplo, Nash e Safa (1986) e (1980) Nash e Fernandez-Kelly (1983), Beneria e Roldan (1987), Navarro (1985) e (1982). Para uma avaliação geral da bibliografia sobre a mulher na América Latina, ver Lavrin (1984) e Stoner (1987).
6. Em artigo publicado em 1982 chamei a atenção para essa lacuna na historiografia brasileira. Ver "A Nova Face do Movimento Operário na Primeira República", *Revista Brasileira de História*, v. 2, n. 4, 1982, pp. 217-232.

#### Bibliografia

- Almeida, Maria Hermínia Tavares de.  
 1975. "O Sindicato no Brasil. Novos Problemas, Velhas Estruturas", *Debate e Crítica*, 6, pp. 49-74.  
 1981. "Tendências Recentes da Negociação Coletiva no Brasil", *Dados*, 24, pp. 161-190.
- Anderson, Perry.  
 1980. *Arguments Within English Marxism*. London, Verso.
- Beneria, Lourdes e Roldan, Martha.  
 1987. *The Crossroads of Class and Gender: Industrial Homework, Subcontracting and Household Dynamics in Mexico City*. Chicago, Chicago University Press.
- Bergquist, Charles.  
 1981. "What is Being Done: Some Recent Studies of the Urban Working Class and Organized Labor in Latin America", *Latin American Research Review* —, *LARR*, 16, pp. 203-223.  
 1986. *Labor in Latin America: Comparative Essays on Chile, Argentina, Venezuela, and Colombia*. Palo Alto, Stanford University Press.
- Blanchard, Peter.  
 1982. *The Origins of the Peruvian Labor Movement (1883-1919)*. Pittsburgh, University of Pittsburgh Press.
- Bunster, Ximena, and Chaney, Elsa M.  
 1985. *Sellers and Servants: Working Women in Lima Peru*. New York, Praeger.
- Canak, William.  
 1984. "The Peripheral State Debate. Capitalism or Bureaucratic Authoritarian Regimes in Latin America", *LARR*, 19, pp. 3-36.
- Casanova, Pablo Gonzalez.  
 1984. *Historia del Movimiento Obrero en America Latina*. Mexico, Siglo Veinte Uno.
- Cardoso, Fernando Henrique.  
 1978. *Política e Desenvolvimento em Sociedades Dependentes*. (2.ª ed.), Rio, Zahar.  
 1979. *Dependency and Development*. (2.ª ed.), Berkeley, University of California Press.
- Ciria, Alberto.  
 1983. *Política y Cultura Popular. La Argentina Peronista 1945-1955*. Buenos Aires, Ediciones de La Flor.
- Conniff, Michael (ed.).  
 1982. *Latin American Populism in Comparative Perspective*. Albuquerque, New Mexico Press.  
 1985. *Black Labor on a White Canal*. Pittsburgh, University of Pittsburgh Press.
- da Costa, Emilia Viotti.  
 1982. "Brazilian Workers Rediscovered". *International Labor and Working Class History*, pp. 217-232.
- Dix, Robert H.  
 1985. "Populism: Authoritarian and Democratic", *LARR*, 20, pp. 29-52.



- Ellner, Steve.  
1980. *Los Partidos Politicos y su Disputa por el Control del Movimiento Sindical en Venezuela 1936-1948*. Caracas, Universidade Catolica Andres Bello.
- Erickson, Kenneth Paul, Peppe, Patrick V. e Spalding Jr., Hobart.  
1974. "Research on the Urban Working Class in Argentina, Brazil and Chile. What is left to be Done?", *LARR*, 9, pp. 15-42.  
1980. "Dependency Vs. Working Class History: A False Contradiction", *LARR*, 15, pp. 177-181.
- Evans, Judith.  
1979. "Results and Prospects. Some Observations on Latin American Labor Studies". *International Labor and Working Class History*, 16, pp. 29-40.
- Evans, Peter.  
1985. "After Dependency: Recent Studies of Class, State, and Industrialization". *LARR*, 20, pp. 149-160.
- Fraser, Nicolas and Navarro, Marisa.  
1981. *Eva Peron*. New York, Norton.
- Fernandez-Kelly, M. Patricia.  
1983. *For We Are Sold, I And My People: Women and Industry in Mexico's Frontier*. Albany, State University of New York Press.
- Fitch, J. Samuel.  
1984. "Class Structure, Populism and the Armed Forces in Contemporary Ecuador", *LARR*, 19, pp. 270-274.
- French, John.  
1988. "Workens and the Rise of Adhemarista Populism in São Paulo, Brazil, 1945-1947", *The Hispanic American Historical Review — HAHR*, 68.
- Gould, Jeffrey.  
1987. "For an Organized Nicaragua: Somoza and the Labor Movement, 1944-1948", *Journal of Latin American Studies*, December, 1987.  
1988. "To Lead as Equals: Rural Protest and Political Consciousness in Chinandega, Nicaragua, 1912-1979", (*Ph.D. diss.*). Yale University.
- Hall, Michael and Spalding Jr., Hobart A.  
1986. "The Urban Working Class and Early Latin American Labour Movements, 1880-1930" in Bethell, Leslie (ed.), *The Cambridge History of Latin America, 1870-1930*, v. 4, London, Cambridge University Press, pp. 326-366.
- Hamilton, Nora.  
1982. *The Limits of State Autonomy: Post-Revolutionary Mexico*. Princeton, Princeton University Press.
- Hanagan, Michael and Stephenson, Charles  
1986. *Proletarians and Protest. The Roots of Class Formation in an Industrializing World*. Westport, Greenwood Press.
- Hobsbawn, Eric and Ranger, Terence.  
1983. *The Invention of Tradition*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Hobsbawn, Eric.  
1984. *Worlds of Labour. Further Studies in the History of Labor*. London, Wenndenfeld and Nicolson.
- Hollander, Nancy Carr.  
1974. "Si Evita Viviera", *Latin American Perspectives*, Fall, pp. 42-57.
- Humphrey, John.  
1982. *Capitalist Control and Worker's Struggle in the Brazilian Auto-Industry*. Princeton, Princeton University Press.
- Ipola, Emilio de.  
1982. *Ideología y Discurso Populista*. Mexico.

- James, Daniel.
- 1988. "October 17th and 18th, 1945 Mass Protest. Peronism and the Argentine Working Class", *Journal of Social History*.
  - 1978. "Power and Politics in Peronist Trade Unions", *Journal of Inter-American Studies and World Affairs*, 20, pp. 3-36.
  - 1988. *Resistance and Integration: Peronism and the Argentine Working Class, 1946-1976*. Cambridge, Cambridge University Press.
  - 1978. "Dependence and Organized Labor in Latin America", *The Radical History Review*, 18.
- Jimenez, Michael.
- 1988. "Citizens of the Kingdom: Towards a Social History of Radical Christianity in Latin America", *International Labor and Working Class History* (Spring 1988).
- Katznelson, Ira and Zolberg, Aristide R.
- 1986. *Working-Class Formation Nineteenth Century Patterns in Western Europe and the United States*. New Jersey, Princeton University Press.
- Kronish, Rich and Mericle, Kenneth S.
- 1984. *The Political Economy of the Latin American Motor Vehicle Industry*. Cambridge, MIT Press.
- Kazman, Ruben and Reyna, Jose Luis (eds.).
- 1977. *Fuerza de Trabajo y Movimientos Laborales en America Latina*. Mexico.
- Keck, Margaret Elizabeth.
- 1986. "From Movement to Politics. The Formation of the Workers Party in Brasil" (*Ph.D diss.*). Columbia University.
  - 1987. "El Nuevo Sindicalismo en la Transición de Brasil", *Estudios Sociologicos*, 5, pp. 33-86.
- Kirk, Neville.
- 1987. "In Defense of Class: A Critique of Recent Revisionist Writing Upon the Nineteenth Century English Working Class", *International Review of Social History*, 32, pp. 2-47.
- Laclau, Ernesto.
- 1977. *Politics and Ideology in Marxist Theory. Capitalism, Fascism, Populism*. London, Verso.
- Lavrin, Asunción.
- 1984. "Recent Studies on Women in Latin America", *LARR*, pp. 181-189.
- Mallon, Florencia.
- 1986. "Labor Migration, Class Formation, and Class Consciousness among Peruvian Miners in the Central Highlands from 1900 to 1930" in Hanagan and Stephenson (eds.), *Proletarians and Protest: 197-230*.
- Munck, Ronald.
- 1986. "Labor Studies Renewal", *Latin American Perspectives*, 13, pp. 108-114.
  - 1986. "Labor Studies in Argentina", *LARR*, 21, pp. 224-230.
  - 1987. "Cycles of Class Struggle and the Making of the Working Class in Argentina 1890-1920", *Journal of Latin American Studies*, 19, pp. 19-39.
  - 1987. "Movimiento Obrero, Economía y Política en Argentina, 1955-1985", *Estudios Sociologicos de El Colegio de Mexico*, pp. 89-109.
- Navarro, Mariza.
- 1982. "Evita's Charismatic Leadership" in Conniff, Michael (ed.). *Latin American Populism in Comparative Perspective*, Albuquerque, University of New Mexico Press, 1982.
  - 1985. "Hidden, Silent and Anonymous: Women Workers in Argentina Trade Union Movement" in Soldon, Nobert C. (ed.) *The World of Women's Trade Unionism: Comparative Historical Essays*. Westport, Conn., Greenwood.



- Nash, June and Safa, Helen (eds.).  
 1975. *Women and Change in Latin America*. South Hadley, Bergin and Garvey.  
 1980. *Sex and Class in Latin America*. South Hadley, J.F. Bergin.
- Nash, June and Fernandez-Kelly, M. P. (eds.).  
 1983. *Women, Men and the International Division of Labor*. Albany, State University of New York Press.
- Nash, June.  
 1979. *We Eat the Mines and the Mines Eat Us*. New York.
- Nash, June, Corradi, Juan and Spalding Jr., Hobart (eds.).  
 1977. *Ideology and Social Change in Latin America*. New York, Gordon and Breach.
- O'Donnel, Guillermo.  
 1978. "Reflections in the Patterns of Change in the Bureaucratic Authoritarian States", *LARR*, 13, pp. 3-38.
- de Paoli, Maria Celia.  
 1987. "Workin Class in São Paulo and its Representations 1900-1940", *Latin American Perspectives*, 14, pp. 204-225.
- Portes, Alejandro and Walton, John.  
 1981. *Labor, Class and The International System*. New York, Academic Press.
- Portes, Alejandro e Barton, Lauren.  
 1987. "Desarrollo Industrial y Absorción Laboral: Una Reinterpretación", *Estudios Sociologicos de El Colegio de Mexico*.
- Raga, Adriana.  
 1988. "Workers, Neighbors and Citizens: A Study of an Argentine Industrial Town, 1930-1950" (*Ph.D. diss.*). Yale University.
- Reid, Andrews.  
 1987. "Latin American Workens", *Journal of Social History*, 21.
- Roxborough, Ian.  
 1981. "The Analysis of Labour Movements in Latin America: Typology and Theories", *Bulletin of Latin America Research*, pp. 81-95.  
 1984. *Union and Politics in Mexico*. Cambridge, Cambridge University Press.  
 1984. "Unity and Diversity in Latin American History", *Journal of Latin American Studies*, 16, pp. 1-16.  
 1986. "Issues in Labor Historiography", *LARR*, 21, pp. 178-188.
- Samuel, R. (ed.).  
 1981. *People's History and Socialist Theory*. London, Routledge and Kegan. (History Workshop Series).
- Sartre, Jean-Paul.  
 1960. *Critique de la Raison Dialectique*. Paris, Gallimard.
- Savage Jr., Charles H. and Lobard, George F. F.  
 1986. *Sons of the Machine. Case Studies of Social Change in the Work Place*. Cambridge, MIT Press.
- Schlinger, P.  
 1984. "Oral History Projects in Argentina, Chile, Peru and Brazil", *International Journal of Oral History*, 5.
- Scott, Joan W.  
 1987. "On Language, Gender and Working-Class History", *International Labor and Working Class History*, 31.
- Shazo, Peter de.  
 1983. *Urban Workers and Labor Unions in Chile 1902-1927*. Madison, University of Wisconsin Press.

- Sigaud, Lygia.  
1975. "The Idealization of the Past in a Plantation Area: The Northeast of Brazil" in Nash, June and Corradi, Juan (eds.). *Ideology and Social Change in Latin America*, pp. 167-177.
- Sofer, Eugene.  
1986. "Recent Trends in Latin American Labor Historiography". *LARR*, 15, pp. 167-176.
- Sorj, Bernardo and Almeida, Maria Herminia Tavares de (eds.).  
1983. *Sociedade e Política no Brasil pós 1964*. Rio de Janeiro, Brasiliense.
- Spalding, Hobart.  
1977. *Organized Labor in Latin America: Historical Case Studies of Urban Workens in Dependent Societies*. London, Harper Torch Books.
- Stein, Steve.  
"Miguel Restaing: Dodgins Blows on and off the Soccer Field" in Beezley, William (ed.) *The Human Tradition in Latin America*.
- Stoner, K. Lynn.  
1987. "Direction in Latin American Women's History: 1977-1984", *LARR*, 22, pp. 101-195.
- Tamarin, David.  
1985. *The Argentine Labor Movement: 1930-1945. A Study of the Origins of Peronism*. Albuquerque, University of New Mexico.
- Tella, Torcuato di.  
1981. "Working-Class Organization and Politics in Argentina", *LARR*, 16, pp. 33-56.
- Therborn, Goran.  
1980. *The Ideology of Power and the Power of Ideology*. London, Verso.
- Thompson, E. P.  
1981. "The Politics of Theory" in Samuel, R. *People's History and Socialist Theory*. London.
- Waisman, Carlos.  
1982. *Modernization and the Working Class. The Politics of Legitimacy*. Austin, University of Texas Press.
- Weaver, Frederic Stirton.  
1980. *Class, State and Industrial Structure. The Historical Process of South American Growth*. Westport, Greenwood Press.
- Williams, Raymond.  
1977. *Marxism and Literature*. Oxford, Oxford University Press.
- Winn, Peter.  
1980. "Oral History and the Factory Study, New Approaches to Labor History", *LARR*, 14, (1979), 15.  
1986. *Weavers of Revolution: The Yarur Workers and Chile's Road to Socialism*. New York, Oxford University Press.
- Wood, E. M.  
1982. "E. P. Thompson and His Critics", *Studies in Political Economy*, 9.